

**PE. JÚLIO MARIA, A IGREJA E O POVO<sup>1</sup>:  
um Profeta da Igreja “em saída”**

PE. JÚLIO MARIA, *THE CHURCH AND THE PEOPLE*:  
a Prophet of the Church “on the way out”

Antonio Alves de Melo<sup>(\*)</sup>

**Resumo**

Ao ensinar sobre a igreja, o concílio Vaticano II enfatizou a dimensão povo de Deus. Antes de ser uma instituição, a igreja é um povo a caminho onde todos são fiéis em Cristo e, por isso, fundamentalmente iguais. Dessa igualdade básica surgem os ministérios, entre eles os ministérios ordenados de presidência. Situamos nessa perspectiva a proposta do redentorista brasileiro Júlio Maria em vista de uma igreja aliada ao povo. Liberta da ilusória proteção imperial, ela deveria caminhar com o povo, assumir as preocupações e lutas do povo. A proposta de Júlio Maria é profética em relação com a do papa Francisco em vista de uma igreja *em saída* para o povo e para o mundo, sem temer as consequências desse movimento. O contexto em que nos encontramos é muito diferente, mas os desafios feitos aos seguidores do Evangelho permanecem e até se agravam. Ontem como hoje se trata de ser e agir como discípulos de Jesus Cristo, Filho eterno de Deus feito nosso irmão, irmão de todos, irmão dos pobres.

**Palavras-chave:** Pe. Júlio Maria. A Igreja e o Povo.

**Abstract**

In teaching about the church, Vatican II emphasized the people of God dimension. Before being an institution, the church is a people on the way where everyone is faithful in Christ and, therefore, fundamentally equal. From this basic equality come ministries, including ordained presidential ministries. In this perspective, we place the proposal of the Brazilian Redemptorist Júlio Maria in view of a church allied to the people. Freed from the illusory imperial protection, it should walk with the people, take on the people's concerns and struggles. Júlio Maria's proposal is prophetic in relation to that of Pope Francis in view of a church that goes out to the people and to the world, without fearing the consequences of this movement. The context in which we find ourselves is very different, but the challenges facing the followers of the Gospel remain and even worsen. Yesterday as today it is about being and acting as disciples of Jesus Christ, eternal Son of God made our brother, brother of all, brother of the poor.

**Keywords:** Pe. Júlio Maria. The Church and the People.

---

<sup>1</sup> Pe. Júlio Maria, *A igreja e o povo*, introdução e notas Pe. João Fagundes Hauck, Lyola/CEPEHIB, São Paulo, 1983

<sup>(\*)</sup>Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma, Itália.

Email: [antomagum@gmail.com](mailto:antomagum@gmail.com)

## A IGREJA – POVO DE DEUS

O texto ora comentado contém doze conferências pronunciadas pelo padre Júlio Maria e publicadas no jornal carioca *Gazeta de Notícias* entre os meses de março e maio de 1898. Nele percebemos a intuição de um desafio eclesiológico e pastoral que viria à tona muitos decênios depois: a igreja – povo de Deus e a opção pelos pobres.

A constituição conciliar **Lumen gentium (Lg)** afirma: “Em qualquer época e em qualquer povo é aceito por Deus aquele que O teme e pratica a justiça” (Ap 10,35).

Aprouve, contudo, a Deus santificar e salvar os homens não singularmente, sem nenhuma conexão uns com os outros, mas constituí-los num povo, que O conhecesse na verdade e santamente O servisse (Lg,9).

Neste ilimitado horizonte da universal vontade salvífica de Deus, situa-se a igreja. A expressão *povo de Deus* pode designar toda a humanidade e, no interior dessa totalidade, a igreja. Esta é a manifestação sacramental do povo de Deus. A *ecclesia ab Abel, a igreja universal* se faz visível na igreja católica e nas demais igrejas cristãs.

A expressão *povo de Deus* possui sentido histórico-salvífico (Gn 12,1-2). Indica um povo convocado por iniciativa divina (Ex 6,7). Essa convocação possui caráter permanente. Valeu no passado, vale agora, valerá no futuro (Jr 7,23). A promessa universal feita a Abraão é reafirmada em caráter definitivo no Novo Testamento graças a Jesus Cristo: “Vós sois raça escolhida, sacerdócio real, nação santa e povo adquirido, para proclamar as proezas daquele que vos chamou das trevas à sua luz maravilhosa” (1Pd 2,9). Desse modo todos os cristãos participam da dignidade sacerdotal, profética e régia do Senhor Jesus.

O Vaticano II retoma o pensamento e a linguagem bíblica ao ensinar sobre a igreja, substituindo uma eclesiologia da rigidez institucional por uma eclesiologia de inspiração bíblica e patrística, a igreja – povo de Deus. O concílio reconhece a dimensão institucional da igreja, situando-a, porém, no vastíssimo horizonte do mistério da igreja, onde se interpenetram inúmeras dimensões. Partir da igreja como povo de Deus significa reconhecer a igualdade fundamental de todos os cristãos: igualdade na fé em Jesus Cristo, único Senhor e Salvador, no mesmo Batismo, na condição de ouvintes da mesma Palavra, alimentados pela mesma Eucaristia, guiados pelo mesmo Espírito Santo, corresponsáveis, cada um segundo seu carisma, pela evangelização. Desse fundamento comum emerge a diversidade de serviços e ministérios leigos e ordenados. Cada fiel em Jesus Cristo participa do serviço eclesial

comum, sob a presidência daqueles que estão à frente da igreja em seus diversos níveis de pastoreio: comunidades locais, igrejas particulares, igreja católica mundial.

A eclesiologia da igreja – povo de Deus não vem conseguindo modelar a igreja, não obstante os esforços de muitos fiéis bispos, padres, leigos, destacando-se nos últimos tempos, o pontificado de Francisco. O sínodo extraordinário de 1985 silenciosamente a cancelou, substituindo-a pela igreja – mistério de comunhão. O motivo desse cancelamento seria o fato de que na concepção da igreja – povo de Deus teria prevalecido um sentido sociológico-político em detrimento do sentido histórico-salvífico. De fato, este é o sentido fundante da expressão, mas não pudemos isolá-lo, projetando-o para além das vicissitudes históricas, políticas e sociais dentro das quais caminha a igreja. Possíveis excessos não eliminam a dimensão da igreja - povo de Deus com seus desdobramentos intra e extra-ecclesiais, entre eles a participação dos fiéis na direção da comunidade, no anúncio da Palavra, na celebração dos sacramentos e a inserção da igreja na realidade.

Iluminada pela dimensão místico-escatológica do mistério da igreja, a dimensão povo de Deus acentua o caráter histórico da igreja e encarna a prática pastoral na realidade em que vivem os seres humanos concretos. É para esses, e não para fluidas almas, que se dirige a ação salvadora de Deus. Com isto a igreja participa dos escorregões e das quedas do ser humano a caminho. Acertando e errando com ele, realiza de forma muito imperfeita a vocação profética de ser “anúncio e amostra do que Deus quer para todos”. A igreja – povo de Deus se propõe a peregrinar com a humanidade, fazendo suas *as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos os que sofrem*<sup>2</sup>. O risco de uma acentuação demasiada da igreja - comunhão e mistério é o de conduzir a igreja ao recolhimento em si mesma e em seus problemas internos, muitos deles carentes de qualquer relevância<sup>3</sup>

Na igreja – povo de Deus cada fiel contribui com os dons e carismas recebidos do Espírito Santo em vista da missão evangelizadora comum. Nesse contexto emergem os ministérios ordenados de presidência a serem exercidos com base no fundamento comum da pertença de todos os fiéis ao povo de Deus. Por isso será sempre necessário

<sup>2</sup> Constituição pastoral **Gaudium et spes**, 1

<sup>3</sup> Ver A. Indelicato, **Il sínodo dei vescovi**. La collegialità sospesa 1965-1985, Il Mulino, Bologna, 2008, 344; W. Kasper, **Chiesa cattolica – essenza – realtà – missione**, Queriniana, Brescia, 2012, 196-207

recordar a palavra de Agostinho: “Para vós sou bispo, convosco sou cristão. Aquele é nome do ofício recebido, este, da graça; aquele de perigo; este de salvação<sup>4</sup>.” Júlio Maria não pôs essas questões. Mesmo assim elas podem ser um longínquo cenário de fundo para o desafio posto por ele: a aliança entre a igreja e o povo brasileiro.

### QUEM FOI JÚLIO MARIA?

Júlio Cezar de Moraes Carneiro nasceu em Angra dos Reis no ano de 1850. Estudou na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, em São Paulo. Simpatizante da imigração européia era reticente quanto à abolição da escravatura em razão de suas conseqüências econômicas e sociais. A escravidão era um mal necessário a ser sanado no futuro. Depois da formatura, tentou ingressar na política sem conseguir eleger-se nas duas vezes em que se candidatou a deputado. Passou a dedicar-se à atividade jurídica na condição de promotor público em Mar de Espanha e Rio Novo (MG) entre os anos de 1876 e 1884. Casou-se. Escreveu artigos em jornais e poesias. Foi nessa época que, abandonando lentamente suas convicções ateias e materialistas, retornou ao catolicismo influenciado pela família, especialmente pela segunda esposa. Viúvo pela segunda vez ingressou no seminário de Mariana, sendo ordenado padre em 1891 aos 41 anos. Dedicou-se inicialmente à pastoral paroquial, porém foi como pregador e conferencista que se destacou e ganhou renome a partir de suas conferências na catedral de São Paulo em julho de 1894. Em um tempo de panegíricos eloqüentes e vazios, abordava questões da atualidade envolvendo a situação do Brasil, do mundo e a presença da igreja naquele contexto. Insistia na necessidade da igreja assumir a causa do povo e, em conseqüência, voltar-se para questões políticas, econômicas e sociais. Essas preocupações o acompanharão em sua atividade. Em lugar da nostalgia do padroado, encarava a separação entre a Igreja e o Estado como um novo horizonte que se abria para a ação da igreja. Liberta da ilusória proteção do Estado, ela podia doravante unir-se ao povo e caminhar com ele. Este anúncio profético do Evangelho levantou uma onda de forte oposição e crítica, mas Júlio Maria prosseguiu, não faltando também quem o defendesse até mesmo nas instâncias oficiais da igreja.

As 54 anos ingressou na congregação redentorista, vindo a ser o primeiro padre redentorista brasileiro. Na época, estava em andamento a chamada romanização da igreja do Brasil. Fazia parte desse processo a vinda de religiosos europeus para

---

<sup>4</sup> Agostinho, Sermão 340,1 transcrito em: **Liturgia das Horas IV**, 1293

restaurar as ordens religiosas quase extintas entre nós ou dar início à presença de novas congregações. Foi inegável a generosidade desses religiosos. Acontece, porém, que de mistura com essa generosidade estava o complexo de superioridade característico do colonialismo europeu. Foi difícil a convivência de Júlio Maria com os confrades holandeses quer no plano da vida em comunidade quer no plano da atividade missionária. Apesar disso permaneceu na congregação, vindo a falecer no dia 2 de abril de 1916<sup>5</sup>.

## O POVO BRASILEIRO, POVO DE DEUS

A teologia emprega a expressão *povo de Deus* em sentido histórico-salvífico. Além deste sentido relacionado com a revelação judeu-cristã, a palavra *povo* possui outros sentidos de acordo com a perspectiva onde a situamos. Sob todas essas perspectivas subjaz um fundamento comum de onde emergem os diferentes sentidos dentre os quais o de povo como o conjunto dos que compartilham uma cultura, uma história e um destino. Enxugando mais este sentido, podemos considerar o povo com o “bloco comunitário” dos oprimidos de uma nação, formado pelas classes dominadas e por grupos não considerados como classe, embora assumam esporadicamente práticas consideradas “de classe”<sup>6</sup>.

O povo de Deus é fundamentalmente toda a humanidade criada e salva em Cristo e no Espírito Santo. Porém esse povo possui uma visibilidade histórico-sacramental começada quando o próprio Deus escolheu um bando de escravizados que habitavam no Egito (Ex 1-3; 19-20). A história desse povo acha-se interpenetrada pela luta por sua libertação, começando pela libertação da escravidão até alcançar o sentido radical da libertação para a qual Deus destina a humanidade juntamente com toda a criação.

Voltando-nos agora para o Brasil, sabemos do pouco apreço das elites brasileiras pelo povo brasileiro, parecendo muitas vezes partilhar o pessimismo do diplomata e cientista francês Joseph Arthur de Gobineau. Em artigo intitulado *L'émigration au Brésil*, publicado no periódico francês *Le Correspondant* em 1874, referia-se aos brasileiros de maneira pouco airoso, considerando-os esteticamente repugnantes, avessos ao trabalho, dados a vícios, pouco férteis, fisicamente enfraquecidos. O que o

<sup>5</sup> Ver Pe. Júlio Maria, **A Igreja e o povo**, 9-29; D.R. Vieira, **História do catolicismo no Brasil (1889-1945)**, vol. II, Santuário, Aparecida, 2016, 9-29. 109-111

<sup>6</sup> Ver A.A. de Melo, **A evangelização no Brasil**, Gregoriana, Roma, 1996, 201-202

conduziu à trágica conclusão que dentro de dois séculos seríamos uma raça extinta. A causa dessa extinção estaria na mistura de raças. Se repetiria conosco o acontecido com antigas civilizações vítimas também dessa mistura<sup>7</sup>.

A história desmentiu essa equivocada previsão profético-científica. Entramos no século 20 com 17 milhões de habitantes, 11 dos quais moravam no campo. Hoje somos cerca de 210 milhões, a grande maioria habitando na cidade. Constituímos uma mistura encantadora em sua polivalência cultural, um país sem paralelo em sua vastidão territorial e homogeneidade lingüística, admirável nalgumas diferenças, chocante noutras. Sirva de exemplo a diferença entre os municípios de Veranópolis no Rio Grande do Sul e Juripiranga na Paraíba. O primeiro com padrões de vida semelhante às regiões mais adiantadas e o segundo com carências comuns aos povos mais pobres do mundo. Não obstante, constituímos um povo admirável em sua vitalidade, energia, criatividade e alegria, embora ainda haja muito a transformar em nossos costumes e mentalidade, a fim de que a mestiçagem brasileira venha a ser verdadeiramente humana e democrática<sup>8</sup>.

Este é o povo brasileiro, povo de Deus. Embora nossos primeiros antepassados datem de 20 a 30 mil anos, a chegada dos portugueses em 1500 deu início a uma etapa decisiva de nossa história. Com eles veio o catolicismo em suas expressões ibérico-medieval e tridentina, vindo a constituir uma das marcas mais fortes na formação do povo brasileiro.

### JÚLIO MARIA E A IGREJA *EM SAÍDA*

Nos artigos que formam *A Igreja e o Povo*, Júlio Maria se volta talvez com demasiado otimismo para a ação social da igreja na Europa, no século XIX<sup>9</sup>. Em 1891, Leão XIII promulgara a encíclica *Rerum novarum*, primeira intervenção oficial do papa sobre a questão social. A preocupação de Júlio Maria, no entanto, era a igreja do Brasil após a proclamação da República e a separação entre a Igreja e o estado. Liberta da

---

<sup>7</sup> Ver R.A.S. de Sousa, A extinção dos brasileiros segundo o conde Gobineau, **Revista Brasileira de História da Ciência**, 1/6, 2013, 21-34

<sup>8</sup> Dispomos de valiosa bibliografia sobre o Brasil. Limito-me a recordar algumas obras: G. Freyre, **Casa grande & senzala**, 19 Ed., José Olympio, Rio, 1978; D. Ribeiro, **O povo brasileiro**, Companhia das Letras, São Paulo, 1995; R. Faoro, **Os donos do poder**, 3 Ed. revista, Globo, Porto Alegre, 2001; S.B. de Holanda, **Raízes do Brasil**, 6 Ed., José Olympio, Rio, 1971; L.M. Schwarcz e H.M. Starling, **Brasil: uma biografia**, Companhia das Letras, São Paulo, 2015

<sup>9</sup> Ver F.B. de Ávila, **O pensamento social cristão antes de Marx**. Textos e comentários, José Olympio, Rio, 1972

ilusória proteção estatal, a igreja precisava aprender a caminhar com os próprios pés e esses pés são o povo. Escreve Júlio Maria em seu primeiro artigo:

[...] não nos é lícito, enfim, encastelarmo-nos nos santuários e, contemplando de longe o povo, pensar que fazemos a obra de Deus só com as nossas devoções, as nossas festas e os nossos panegíricos<sup>10</sup>.

Idêntica preocupação encontra-se hoje no papa Francisco ao ensinar sobre a igreja *em saída*. Afirma ele: “Na Palavra de Deus aparece constantemente este dinamismo “de saída”, que Deus quer provocar nos crentes<sup>11</sup>”.

O testemunho cristão seja nos grandes acontecimentos seja na rotina do cotidiano, unido a uma ação pastoral capaz de alimentar esse testemunho fazem com que a igreja vá adquirindo o jeito de uma igreja *em saída*,

capaz de mostrar aos pequenos, aos pobres, aos proletários que eles foram os primeiros chamados pelo Divino Mestre, cuja Igreja foi logo, desde seu início, a igreja do povo, na qual os grandes, os poderosos e os ricos também podem entrar, mas se têm entranhas de misericórdia para a pobreza; sujeitar o despotismo do capital às leis da equidade; exigir dele não só a caridade, mas a justiça a que tem direito o trabalho; dignificar o trabalhador; cristianizar a oficina; levar no ensino cristão os supremos postulados da consciência humana às fábricas, onde a máquina absorve o homem, não lhe deixando tempo senão de ganhar dinheiro, queimar carvão ou aperfeiçoar a raça dos animais; proclamar bem alto o eminente lugar do operário na cidade de Deus, que Jesus Cristo fundou na terra não com as castas, as aristocracias ou as dinastias, mas com o povo e para o povo... fazer da palavra de Deus não só a estrela que conduz as almas ao céu, mas também a doutrina que ensina às pátrias os direitos e o deveres dos cidadãos; enfim, unir a Igreja e o povo...<sup>12</sup>

No texto citado acima, Júlio Maria se exprime conforme a linguagem e o contexto da época. Atualmente apesar das mudanças na linguagem, no contexto histórico e nos desafios sociais, culturais e políticos; apesar também das transformações na igreja pós-Vaticano II com a retomada de valores da tradição mais antiga e os esforços de inserção na realidade presente, os desafios básicos permanecem seja no mundo seja na igreja. Por isso continuam a valer as perguntas: o que fazer a fim de que o mundo venha a ser mais humano e a igreja cresça na fidelidade a seu Mestre e Senhor, Jesus Cristo?

O caminho de uma igreja *em saída* proposto pelo papa Francisco é uma palavra do Espírito à igreja na procura de resposta às estas duas perguntas (Ap 2,7). Ensina o papa:

<sup>10</sup> J. Maria, **A Igreja e o povo**, 36

<sup>11</sup> Papa Francisco, Exortação apostólica **A alegria do Evangelho**, 20-23, aqui: 20

<sup>12</sup> J. Maria, **A Igreja e o Povo**, 37-38.

Com obras e gestos, a comunidade entra na vida diária dos outros, encurta as distâncias, abaixa-se – se for necessário – até à humilhação e assume a vida humana, tocando a carne sofredora de Cristo no povo. Os evangelizadores contraem assim o “cheiro de ovelha”, e estas escutam a sua voz. Em seguida, a comunidade evangelizadora dispõe-se a “acompanhar”<sup>13</sup>.

Com isso a igreja responde ao desafio da evangelização tal como ensina Paulo VI:

Chegar a atingir e como que a modificar pela força do Evangelho os critérios de julgar, os valores que contam, os centros de interesse, as linhas de pensamento, as fontes inspiradoras e os modelos de vida da humanidade, que se apresentam em contraste com a Palavra de Deus e com o desígnio da salvação<sup>14</sup>.

Esta é a verdadeira evangelização. Dedicando-se a ela, a igreja revela sua verdade: ser no mundo sinal-sacramento do reino de Deus.

### JÚLIO MARIA E A IGREJA “EM SAÍDA” NO BRASIL

Ensinam os bispos do Brasil em suas diretrizes para a evangelização: “A Igreja contempla a realidade a partir de uma condição bem específica, a de discípula missionária<sup>15</sup>.” Neste texto, a igreja se autodefine a partir de sua condição de discípula de Jesus Cristo. O discipulado inclui essencialmente a missão e esta a encarnação na realidade. Escreve Júlio Maria:

Por seu turno a Igreja, que não é incompatível com qualquer forma democrática, não é indiferente também a nenhuma necessidade social nova que se faça sentir, porque Deus adaptou-a, não só a todas as almas, mas a todos os séculos e gerações<sup>16</sup>.

Na situação presente como pode a igreja caminhar *em saída*? O papa Francisco alerta quanto à burocratização com suas estatísticas, planificações e avaliações, bem como em relação ao perigo do fechamento em grupos de elite, continuando distantes dos que andam perdidos e das multidões sedentas de Cristo<sup>17</sup>. Seria um retorno em novos moldes ao tempo em que a igreja era considerada uma das organizações mais bem estruturadas do mundo ou a uma igreja mais próxima daqueles que possuíam mais recursos.

---

<sup>13</sup> A **alegria do Evangelho**, 24

<sup>14</sup> Paulo VI, **Exortação apostólica Evangelii nuntiandi**, 19

<sup>15</sup> CNBB **Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil 2019-2023**, 42

<sup>16</sup> J. Maria, **A igreja e o Povo**, 41

<sup>17</sup> Francisco, **A alegria do Evangelho**, 94

Escreve Júlio Maria:

Jesus Cristo não adulou os grandes, os ricos e os poderosos; o padre não deve fazê-lo. Jesus Cristo amou com predileção os pequenos, os fracos, os pobres, os infelizes, o padre deve amá-los do mesmo modo. Jesus Cristo compadeceu-se da multidão; chorou, vendo a miséria das turbas; teve preferências e ternuras infinitas para o povo; o padre deve amar o povo, deve procurar o povo, deve defender o povo, deve unir a Igreja e o povo<sup>18</sup>.

Uma aliança entre a igreja e o povo nos moldes propostos por Júlio Maria não é mais possível. No Brasil de hoje, os católicos formam uma maioria em diminuição, de maneira que o desafio que se põe é o de uma presença significativa da igreja como quem tem um testemunho a dar e uma palavra a dizer.

Essa presença significativa se realizará mediante a formação de comunidades eclesiais missionárias nas mais diferentes situações e ambientes. Comunidades centradas no “cristianismo essencial”, ou seja, no anúncio de um Deus que se faz pequeno e próximo de cada ser humano. Afinal de contas, a missão do cristianismo nada mais é do que a narração da história de como Deus veio para ficar junto dos homens, para sempre<sup>19</sup>. Nunca será demais repetir Jo 1,14: “E a Palavra se fez carne e veio morar entre nós.”

Essa história prossegue e cabe às comunidades eclesiais missionárias continuar a narrá-la, indicando as consequências dela para o mundo de hoje em sua complexidade cultural, econômica, social, política, religiosa e assim por diante. É bem possível que entre essas comunidades algumas venham a ter um perfil mais conservador e outras um perfil mais progressista. O que conta, porém, é a volta constante a Jesus Cristo e o seguimento do Evangelho, pois aqui reside o futuro da igreja.

São diversas as formas de expressão dessa narrativa na ação pastoral. Uma das mais significativas é a piedade popular<sup>20</sup>. Ensina o **Documento de Aparecida**:

O Santo Padre destacou a “rica e profunda piedade popular, na qual aparece a alma dos povos latino-americanos”, e a apresentou como “o precioso tesouro da Igreja Católica na América Latina... A religião do povo latino-americano é expressão da fé católica”. É um catolicismo popular, profundamente inculturado, que contém a dimensão mais valiosa da cultura latino-americana<sup>21</sup>.

<sup>18</sup> J. Maria, **A Igreja e o Povo**, 59

<sup>19</sup> Ver C.H. Dodd, **O fundador do cristianismo**, Paulinas, São Paulo, 1976, 195

<sup>20</sup> Ver A.A. de Melo, **A evangelização no Brasil**, 232-243; L. Maldonado, **Introducción a La religiosidad popular**, Sal Terrae, Santander, 1985

<sup>21</sup> **Documento de Aparecida (DAp)**, 258

A visita aos nossos santuários - Aparecida, Juazeiro do Norte, Bom Jesus da Lapa, Serra da Piedade e outros - comprova o que afirma Bento XVI. Essa mística popular encerra um rico potencial de santidade e justiça social<sup>22</sup>.

O nível mais profundo da mudança de época em que nos encontramos é o cultural<sup>23</sup>. A opção preferencial pelos pobres o assume. Se não o faz, acaba levando à frustrante sensação de que a igreja fez a opção pelos pobres, mas os pobres não fizeram a opção pela igreja, como ouvi de um padre comprometido com a causa dos pobres ao perceber que faltara alguma coisa na luta por essa causa. A importância dada à militância talvez tenha levado ao esquecimento dos pobres comuns e suas expressões de fé e amor, como as duas velhinhas que vi partilhando o mesmo prato de comida num restaurante pobre da Rio-Bahia ou o trabalhador assalariado e pai de quatro filhos que levou para sua casa mais quatro outras crianças entregues ao desamparo. É o Espírito Santo agindo no coração e na vida do povo. Nunca é demais recordar o que dizia Santiago Dantas: *O povo brasileiro é melhor como povo do que a elite como elite.*

As comunidades eclesiais missionárias são chamadas a ser uma pequena amostra daquilo que Deus quer para todos os seus filhos e filhas. A história comprova que o cristianismo não mudou o mundo, mas vem contribuindo para torná-lo melhor para os seres humanos e toda a criação. Esse serviço ao mundo é prestado à luz de uma Esperança maior.

## REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO. Sermão 340,1 transcrito em: **Liturgia das Horas IV**, 1293
- ÁVILA, F.B. de **O pensamento social cristão antes de Marx**. Textos e comentário. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972.
- CNBB. **Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil 2019-2023**.
- CONSTITUIÇÃO PASTORAL **Gaudium et spes**.
- DODD, C.H. **O fundador do cristianismo**. São Paulo: Paulinas, 1976.
- FAORO, R. **Os donos do poder**, 3 Ed. Revista. Porto Alegre: Globo, 2001.
- FREYRE, G. **Casa grande & senzala**, 19 Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.
- HOLANDA, S.B. de. **Raízes do Brasil**, 6 Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, Rio, 1971.
- INDELICATO, A. **Il sínodo dei vescovi**. La colegialità sospesa 1965-1985. Bologna: Il Mulino, 2008, 344.

---

<sup>22</sup> Ver **DAp**, 262

<sup>23</sup> **DAp**, 44

- KASPER, W. **Chiesa cattolica – essenza – realtà – missione**. Queriniana, Brescia, 2012.
- MALDONADO, L. **Introducción a La religiosidad popular**. Sal Terrae, Santander, 1985
- MARIA, Pe, Júlio **A igreja e o povo**. Introdução e notas Pe. João Fagundes Hauck., São Paulo: Loyola/CEPEHIB 1983.
- MELO, A.A.de **A evangelização no Brasil**. Roma: Gregoriana, 1996.
- PAPA FRANCISCO. **Exortação apostólica A alegria do Evangelho**.
- PAULO VI. **Exortação apostólica Evangelii nuntiandi**.
- RIBEIRO, D. **O povo brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SCHWARCZ, L.M e H.M. STARLING, H.M. **Brasil: uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- SOUSA, R.A.S. de. A extinção dos brasileiros segundo o conde Gobineau, **Revista Brasileira de História da Ciência**, 1/6, 2013, 21-34
- VIEIRA,D.R. **História do catolicismo no Brasil (1889-1945)**, vol. II, Santuário, Aparecida, 2016.

(Recebido em abril de 2020; aceito em maio de 2020)